

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: 134

Data: 12.02.84

Pg.: \_\_\_\_\_

### Cinta Larga: vítima de um massacre

Os primeiros contatos amistosos dos Cinta-larga com a sociedade e, como mostra o CDTI, em farta documentação, deram-se com as frentes pioneiras, extrativistas que avançaram sobre o seu território, em busca de matas ricas em seringueiras. Este contato mostrou-se, num primeiro momento, desastroso para os Cinta-larga. No início da década de 70, a Funai estimava sua população num total aproximado de 5 mil indivíduos, tendo em vista o número de malocas localizadas através de levantamentos aéreos de toda a região. Hoje os Cinta-larga estão reduzidos a menos de mil.

Sendo um grupo de valentes guerreiros em expansão, que freqüentemente enfrentava outros povos indígenas (Suruí, Nambikwara, Saluman, Arara, Canoários e outros), os Cinta-larga reagiram à invasão ao seu território, desenvolvendo uma guerra prolongada em diversas frentes. Merecem atenção também as campanhas "limpeza de área", promovidas por seringueiristas. Ficou tristemente famoso "o massacre do paralelo 11", cometido pela firma Arruda Junqueira, entre os anos 50 e 60, quando foi eliminada a quase totalidade das malocas Cinta-larga, entre os rios Jurema e Aripuanã. Até hoje seus mandantes continuam impunes.

Além dos massacres sucessivos, outras causas contribuíram para o etnocídio dos Cinta-larga, com doenças, principalmente a gripe, trazidas pelas frentes de atração e pela população regional, que foram avançando sobre seu território tribal. Para citar apenas um

exemplo: os Cinta-larga, que saíram na vila Aripuanã em 1974, contraíram uma gripe e logo na segunda visita à vila, em meados daquele ano, como consequência, nos dois anos seguintes as epidemias de gripe foram responsáveis pela morte de 50% deste povo.

Tanto nos postos indígenas, atendidos pela Funai ou sob responsabilidade da administração do parque, quanto sua área indígena de Aripuanã, atendida pela OPAN (Operação Anchieta), a problemática de saúde é muito grave. A situação na área indígena de Aripuanã é agravada ainda pela presença constante de garimpeiros em outras frentes de invasores, como é o caso dos trabalhadores na usina.

As novas doenças - gripe, pneumonia e a malária, doença endêmica da região - são as principais causas dos óbitos ocorridos atualmente. A taxa de mortalidade infantil é impressionante, impossibilitando a própria reprodução biológica do grupo, isto é, o número de crianças que ultrapassa faixa etária, dos dois anos de idade mostra-se inferior ao número de óbitos totais verificados.

O fascínio que os bens da civilização (ferramentas, grupos, laterna, açúcar etc. e claro, o remédio) vem exercendo sobre os Cinta-larga, é um dos motivos que levam aqueles índios fazerem freqüentes "passelos" e "visitas aos garimpos e fazendas, e, agora o acampamento da construtora, como relata o CDTI.

Uma dessas "visitas" que ficou particularmente conhecida foi a chamada "pacificação" realizada pelos Cinta-largas, muito bem documentada na reportagem

"O índio pacifica o branco", do ex-correspondente do jornal o "O Estado de S. Paulo" e de "Veja" em Mato Grosso, Mário Chimano Vitch e confirmada por depoimentos dos moradores de Aripuanã, entre os quais o ex-prefeito Sebastião Ottoni e os próprios índios.

Em outubro, lembra o CDTI, três índios deixaram presentes para uma equipe de botânica do Inpa (Instituto de Pesquisas da Amazônia) que realizava trabalhos na margem esquerda do rio Aripuanã, próximo ao Salto das Andorinhas. No dia 11 de janeiro do ano seguinte, 69 índios, entre guerreiros, mulheres e crianças, entram na vila de Aripuanã, distribuindo colares, cocares e outros enfeites aos moradores que iam encontrando pelo caminho, tentando, desta forma, estabelecer relações de amizade com os "civilizados". Conseqüências: epidemias e surtos de doenças, gerando nova mortalidade.

Dez anos depois do gesto amistoso dos Cinta-larga, a situação piorou. Novos massacres ocorreram. O último deles, em 1982, quando 12 índios desapareceram misteriosamente, sem que a Funai tomasse qualquer providência. As doenças, da mesma forma, continuam grassando e fazendo novas vítimas. As invasões por parte de garimpeiros são constantes e provocam apreensão entre os índios, que vêem seu território invadido.

A presença dos trabalhadores da usina no rio Aripuanã, é mais uma agressão, não apenas ao seu território, mas aos costumes e à cultura de um povo que resiste há trinta anos aos massacres, às invasões das chamadas frentes pioneiras.